Contribuições Sociológicas para o Pentecostalismo Brasileiro: Tipologias propostas e um breve ensaio sobre uma nova perspectiva do futuro[1]

Sociological contributions to Brazilian Pentecostalism: Proposed typologies and a brief essay on a new perspective on the future

Moyses Naftali Leal Quitério[2]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo arrolar as principais tipologias do pentecostalismo brasileiro e o crescimento do movimento que desperta olhares cada vez mais aguçado da academia, o movimento emerge e tem uma proposta cada vez mais ousada para uma religião popular brasileira. Desse modo, a metodologia utilizada passa por elementos de pesquisa bibliográfica acerca do pentecostalismo. Como uma espécie de projeto piloto buscando a elaboração de uma dissertação que contenha o assunto em questão. Portanto, há elementos que apresentam uma conclusão, mesmo que breve e embrionária, no que se refere ao modo como o pentecostalismo se reinventa dentro do cenário religioso brasileiro.

Palavras-chaves: pentecostalismo; pós-pentecostalismo; neopentecostalismo; sociologia da religião;

Abstract

The present work has the purpose to list the main typologies of Brazilian Pentecostalism and the growth of the movement that awakens increasingly sharp looks of the academy, the movement emerges and has an increasingly daring proposal for a popular Brazilian religion. However, a methodology used by elements of bibliographical research on Pentecostalism. As a kind of pilot project that seeks a writing of a dissertation, that contains the subject in question. For example, there are elements that have presented a conclusion, however brief and embryonic, regarding the way in which Pentecostalism reinvents itself within the Brazilian religious scene.

Keywords: pentecostalism; pós-pentecostalism; neopentecostalism; sociology of religion;

Introdução

Este artigo é uma breve contribuição de um eterno aprendiz e se deve ao meu interesse pelas ciências sociais e da religião e muito também pelo pentecostalismo, a

[1] Este artigo é um breve ensaio de uma dissertação de mestrado que está sendo construída e será defendida em Jun/18, Em específico o capitulo primeiro que trará um breve panorama e perspectivas do pentecostalismo brasileiro.

[2] Teólogo formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestrando em ciências da religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Contato: moysesl@icloud.com

vontade de discorrer sobre este assunto surgiu pelas contribuições dadas pelo meu mestre Ricardo Bitun que sempre expunha suas aulas de maneira cintilante em que admiro até os dias de hoje, soma-se ainda que neste momento suas contribuições para a minha dissertação são de maestria fundamental para o desenvolvimento e podemos compará-lo a um maestro que brilhantemente rege uma banda.

Discorrer pelo campo protestante brasileiro em específico o pentecostalismo é sempre algo desafiador e bem gratificante ao pesquisador. Se partirmos da ideia de um filósofo pré-socrático que foi considerado o pai da dialética, Heráclito de Éfeso (535a.C – 475a.C) em que ele afirma que "nós não podemos nunca entrar mesmo rio, pois como as águas, nós mesmo já somos outros", estudar o pentecostalismo brasileiro fará com que o leitor nunca mais conheça o mesmo rio.

O Crescimento do Pentecostalismo

Em um artigo compilado pelo Professor João Baptista Pereira, Leonildo Campos discorre que o movimento pentecostal conta com mais de "500 milhões de seguidores em todo o mundo"[3] e ganha notoriedade década após década na academia. O impacto do pentecostalismo brasileiro foi de grande expressão no Brasil, Mendonça[4] destacou pelo menos quatro pontos do pentecostalismo que sucumbiram com o catolicismo romano; 1- o pentecostalismo aproveitou-se do êxodo rural procurando assim populações urbanas compostas por funcionários e prestadores de serviços, 2- procurou leigos (fiéis) que eram descomprometidos com o sistema da igreja católica, 3- com a finalidade de ofertar algo mais simples, com produtos religiosos com menor complexidade de aquisição, - cultos não sacramentais. O pentecostalismo estruturou mensagens religiosas em torno de ideias messiânicas e milenaristas, e soube aproveitar o vácuo deixado, ajustou a expectativas não satisfeitas da camada social.

Mendonça[5] também afirmou que o pentecostalismo tem uma característica muito forte que é o fundamentalismo, é um movimento que rompeu com o campo protestante tradicional, e abriu luta contra o catolicismo romano com o objetivo de ocupar espações e ganhar hegemonia, e o que se observa atualmente é a hegemonia pentecostal e o

---

[3] PEREIRA, Joao Baptista Borges. (Org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp 2012. p.143.

[4] MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro:* variações sobre dois temas "bourdieuanos" - (A propósito da morte de Pierre Bourdieu – 23 de janeiro de 2002). Revista Rever USP, 2002.

[5] Ibid.

decréscimo do catolicismo romano, Faustino Teixeira aborda em dos seus artigos compilado por João Baptista Pereira que a cada Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a Igreja Católica Romana perde fiéis para novos movimentos, perdendo assim seu caráter definidor hegemônico de identidade no campo religioso brasileiro. Seguindo na mesma direção, Renata de Castro Menezes também aponta para a baixa do catolicismo[6]. Em suma, a Igreja católica seguiu por muitos anos como filha única que não disputava até então nenhuma concorrência com nenhum irmão, chegando a ser profunda e coesa na sociedade brasileira. É preciso lembrar que os movimentos afro-brasileiros não apresentavam riscos a Igreja Católica Romana, podemos ainda arriscar que essas religiões ainda não apresentam riscos ao catolicismo, ainda que por vezes ele se pluraliza com o catolicismo e vice-versa.

O pentecostalismo utilizou-se dos meios de comunicação para a sua eficácia proselitista, o uso desta ferramenta não foi um desafio para o movimento pentecostal, mas a solução. O midiatismo foi considerado uma forma de ampliar a voz com o intuito de obter mais fiéis, propagar a eficácia de milagres e prodígios que somente aquela instituição é capaz de oferecer. A utilização do rádio na década de 1960 foi o grande propulsor do movimento. Mais tarde o movimento acompanhou o desenvolvimento tecnológico junto a ascensão social, política e econômica do país, os neopentecostais começaram comprando espaço nas emissoras de televisão, e que nestes períodos eram consideradas "horas mortas"[7]. Neste cenário os pentecostais brasileiros começaram a se fazer frequentes na televisão e isso novamente ajudou a projetar o movimento deixando-o em destaque até os dias atuais.

A Difícil tarefa para o pesquisador...

Talvez o motivo de tanta complexidade de entender o campo religioso brasileiro é por conta do pluralismo que é uma característica cultural do Brasil, Paul Freston destacou que o campo protestante brasileiro:

> Não só cresce rapidamente, mas se fragmenta cada vez mais em centenas de grupos autônomos ou 'denominações'. Se no mundo católico todos os caminhos levam a Roma, no mundo protestante muitos terminam onde começam: em algum morro carioca ou subúrbio paulistano. (FRESTON. 1993, P.35)

---

[6] PEREIRA, Joao Baptista Borges. (Org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp 2012.

[7] CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.* Vozes: Rio de Janeiro, 1997.

Seguindo o que fora dito pelo professor Ricardo Bitun o pentecostalismo é um movimento de "rompimentos e continuidades", ou seja, desde a sua chegada o pentecostalismo vem em sua alomorfia constante com novas igrejas, buscando a ascensão e espaço, pois a cada líder de uma instituição (ou se preferir podemos utilizar os conceitos propostos por Weber e também por Bourdieu "sacerdote") surge uma nova instituição com características que ora se assemelha, ora se reinventa, em suma, o pentecostalismo quebra paradigmas a todo momento.

É notório o crescimento do pentecostalismo brasileiro a cada ano, apesar de que lento nas primeiras décadas da sua chegada no início do século passado. Utilizaremos como referencial o Censo dos anos que mostraremos a seguir:

Tabela 1- Comparativo da pesquisa do Censo 1980 e 1991

Descrição	Num. Absolutos Censo de 1980	Num. absolutos Censo de 1991	% de Crescimento
Total – Evangélicos (Protestantes)	7.885.846	13.189.282	67%
Tradicionais	4.022.343	4.388.310	9%
Pentecostais	3.863.503	8.179.666	112%
Não determinada		621.306	

Fonte: Censos Demográficos de 1980[8] e 1991.

Observa-se que dentre os protestantes o índice que mais cresceu foi o de pentecostais com a assombrosa duplicação dos números. Após este Censo o crescimento das igrejas pentecostais chamavam a atenção dos pesquisadores:

> Pesquisadores do ISER (Instituto de Estudos da Religião), em recente estudo, indicam que na área metropolitana do Rio de Janeiro foram fundadas 710 igrejas entre 1990 e 1992, ou seja, cinco igrejas por semana, uma por dia útil, dentre elas a maioria de linha pentecostal. (BITUN, 2007. p.18)

No Censo de 2000 o crescimento foi ainda maior, e segundo pesquisa 48% da população evangélica era de origem pentecostal. Pode-se destacar do Censo 2000 para o Censo 2010, a Assembleia de Deus foi o grupo pentecostal que mais cresceu em números absolutos: de 8,4 milhões para 12,3 milhões. Fajardo[9] destacou algumas quedas como, por exemplo, a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Universal do Reino de Deus "que perderam, cada uma cerca de 200 mil membros" em seguintes números absolutos "a Congregação passou de 2,4 para 2,2 milhões de membros,

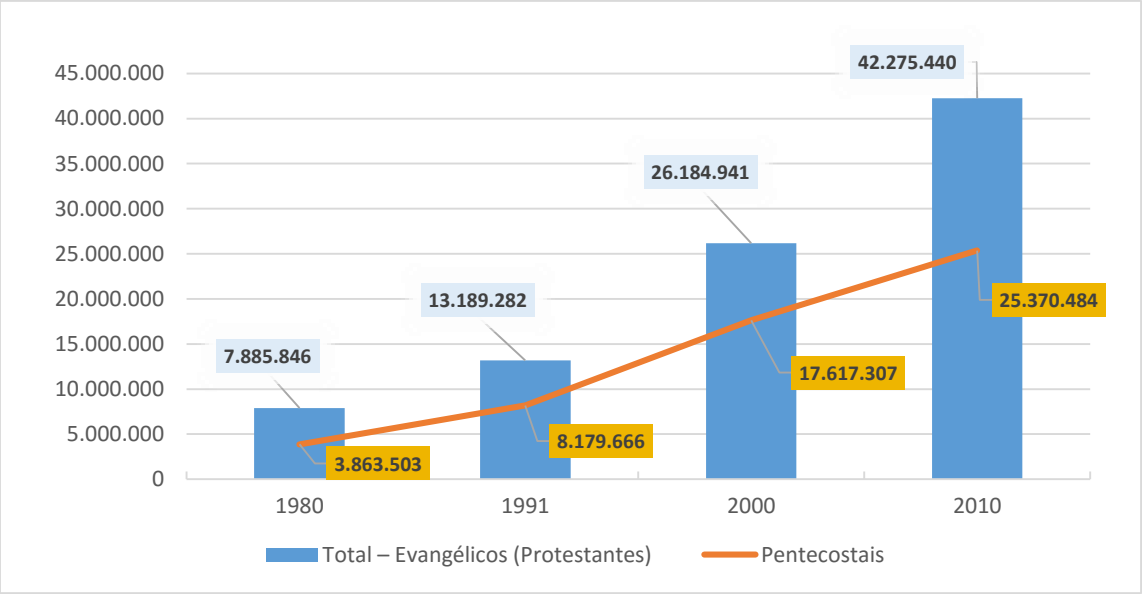
[8] Como bem destacou Ricardo Bitun (2007, p.17) o Censo de 1980 foi o primeiro censo a separar protestantes e pentecostais em diferentes categorias.

[9] FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015. p.94.

enquanto a Universal passou de 2,1 milhões para 1,8 milhões.” Quem de fato cresceu no Censo foram “outras igrejas evangélicas de origem pentecostal", que passou de 1,8 para incríveis 5,2 milhões[10]. Este grupo definido pelo Censo acolhe instituições pentecostais recentes, como a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus que ainda não são opções do Censo, mas que surge entre as grandes.

Na tentativa de exemplificar o tamanho do crescimento dos pentecostais elucidaremos com o seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Crescimento dos Pentecostais



Elaborado pelo Autor – Fonte: Censo 1980; 1991; 2000 e 2010

Tipologias proposta para o Pentecostalismo

Nesta seção nos apoiaremos em eruditos que se debruçaram neste assunto para denominar o pentecostalismo brasileiro, que procurou discorrer das importantes tipologias empregadas para este campo religioso brasileiro.

As tipologias mais empregadas são as que classificam o pentecostalismo na sua chegada pelos emissários ao Brasil ou o ano de início do movimento, como os trabalhos realizados pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, (1991), Brandão (1996), Mendonça (1989), Freston (1993) e Mariano (1995). Os autores

[10] BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, São Paulo, 2007.

Freston[11] e Mariano[12] propõem uma divisão do pentecostalismo em três ondas, e serão usadas neste artigo como base. Na divisão *por ondas* é privilegiado o corte "histórico-institucional" proposto pelo mesmo em sua tipologia. A divisão proposta por Freston ajuda a detalhar um pouco mais o campo pentecostal e facilita a visualização possibilitando uma evolução sociológica e teológica do movimento no Brasil.[13]

É possível observar que a tarefa de conceituação torna-se complicada a partir da década de 1950 com o surgimento de novas igrejas que veremos a seguir. Para Bitun[14], são várias as classificações e tudo depende do critério daquele que está observando o objeto.

Utilizaremos o quadro a seguir para exemplificar as tipologias propostas por alguns estudiosos sobre o tema em questão até o ano de 1991:

Tabela 2- Tipologia Pentecostal empregada até 1991

CEDI (1991)	Mendonça (1989)	Brandão (1980)
Pentecostalismo clássico	Pentecostalismo clássico	Igrejas de Mediação
Pentecostalismo autônomo	Cura Divina	Pequenas Seitas

Elaborado por Paul Freston, (1993, p.39)

Mais tarde o professor Mendonça empregou o uso de *pentecostalismo da Cura Divina* para o uso do *Neopentecostalismo*, ou seja, enquanto o CEDI continuava com a tipologia *Pentecostalismo Autônomo* para igrejas iniciada a partir da década de 1950, Mendonça adotou o profixo "*neo*".

Em 1993, Paul Freston propôs em sua tese de doutorado outro critério, para ele o aguiamento adotado até então tinha algumas limitações, segundo Freston[15] a proposta não foi criar uma nova tipologia, para ele o Brasil é muito dividido, ou seja, possui muita segmentação. Nesta nova tipologia que discorreremos a seguir ele considera cortes *histórico-institucional, "*deixando cada onda bem configurada e caracterizada no

[11] FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: *da constituinte ao Impeachment.* f. Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

[12] MARIANO, Ricardo.Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo. Editora: Loyola. 5ª Ed., 2014.

[13] BITUN, Ricardo. Mochileiros da Fé. São Paulo: Editora Reflexão 2. Ed., 2014.p.58

[14] Ibid.

[15] FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: *da constituinte ao Impeachment.* Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993. p.39.

tempo de seu nascedouro, além de ser uma boa proposta de periodização"[16] e que traz a tona as atualizações culturais do protestantismo popular na sociedade brasileira, os critérios utilizado por ele foram:

> i) Os tipos ideais de igreja-denominação-seita, ii) modo de transplante para o Brasil: iii) a antiguidade no contexto brasileiro; iv) critérios teológicos como o posicionamento frente aos "dons do Espírito Santo"; v) uma árvore genealógica de "famílias eclesiásticas"; vi) origem social dos fiéis; e vii) raio (local, regional ou nacional) de ação. (FRESTON, 1993, p.40)

No mesmo diapasão de Bitun[17] a divisão proposta por Freston ajuda a detalhar um pouco mais o campo pentecostal e facilita a visualização possibilitando uma evolução sociológica e teológica do movimento no Brasil.

Para Mariano[18] o grande segredo nesta divisão estava nas igrejas fundadas a partir dos anos 1950 em dois blocos, anteriormente juntas num mesmo grupo; abaixo segue a divisão das três ondas:

> O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido com a história de três ondas de implantação de igrejas. A Primeira onda é a década de 1910, com a achegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (...) O contexto é fundamentalmente carioca. (FRESTON, 1993, p.63).

Na tentativa de exemplificar *"as ondas"* propostas por Freston, considerar-se-á seguinte tabela:

Tabela 3 - Tipologia proposta por Paul Freston

Primeira Onda	Segunda Onda	Terceira Onda
1910 - 1950	*1950-1960*	*Final dos anos 1960 >*
Congregação Cristã (1910)	Quadrangular (1951)	Igreja Universal (1977)
Assembleia de Deus (1911)	Brasil para Cristo (1955)	Igreja Internacional da Graça (1980)
	Deus é Amor (1963)	*Demais...*
	Outras Menores	

Elaborado pelo Autor – Fonte: FRESTON, 1993.

[16] BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2007. p.36.

[17] BITUN, Ricardo. Mochileiros da Fé. São Paulo: Editora Reflexão 2. Ed., 2014. p.58.

[18] MARIANO, Ricardo.Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo. Editora: Loyola. 5ª Ed., 2014.

A Congregação Cristã no Brasil faz parte das igrejas pioneiras, sendo a primeira a chegar ao Brasil; seu fundador foi um italiano de origem católica que foi marcado por uma experiência e se converteu ainda jovem ao protestantismo. Chegou no Brasil em 1910. A igreja Assembleia de Deus, foi a segunda igreja pentecostal a se instalar no Brasil pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos de igrejas batistas americanas e com experiências pessoais[19].

Mariano[20] afirma que as duas instituições eram caracterizadas por um "ferrenho anticatolicismo", justamente por "enfatizar o dom de línguas (glossolalia[21]), a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior".

A segunda onda teve seu início nos anos 1950, com a cruzada americana da igreja do Evangelho Quadrangular (São Paulo, 1953), a mensagem estava centrada na cura divina, e o proselitismo utilizado pela instituição era via rádio[22]. Em seguida da onda da cura divina surgiu novas igrejas, como, por exemplo, O Brasil Para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é Amor (São Paulo, 1962), Casa da Benção (Belo Horizonte, 1964), dentre outras com menor expressão[23].

As duas ondas não possuem grandes diferenças teológicas. Sabe-se que a Congregação Cristã no Brasil possui uma crença predestinacionista de origem teológica calvinista[24], Já as demais possuem um viés teológico arminiano[25]. É possível observar

---

[19] BITUN, Ricardo. Mochileiros da Fé. São Paulo: Editora Reflexão 2. Ed., 2014.

[20] MARIANO, Ricardo.Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo. Editora: Loyola. 5ª Ed., 2014. p.28-29.

[21] A *Glossolalia* é o ato de falar em línguas desconhecidas e inexistentes. Tratam-se de sons que não encontram qualquer referência em outro idioma. Nos círculos pentecostais, a glossolalia também pode ser chamada de "língua dos anjos", expressão que aparece no livro de I Coríntios. Por sua vez, a *xenolalia* diz respeito ao falar em idiomas existentes, mas desconhecidos para quem fala (ALMEIDA e SOUZA, 2013 Apud FAJARDO, 2015 p.46).

[22] Naquele período o rádio foi considerado pela Igreja Assembleia e Igreja Congregação Cristã um veículo de comunicação mundano, condenando os seus fiéis caso ouvissem.

[23] MARIANO, Ricardo.Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo. Editora: Loyola. 5ª Ed., 2014. p.30-31.

[24] O termo *Calvinista* refere-se a um movimento religioso protestante quanto um sistema teológico bíblico com raízes na Reforma iniciada por João Calvino em Genebra no século XVI, o calvinismo pressupõe que o poder de Deus tem um alcance total de atividade e resulta da convicção de que Deus trabalha em todos os domínios da existência, incluindo o espiritual, físico, intelectual, quer seja secular ou sagrado, público ou privado, no céu ou na terra. De acordo com este ponto de vista, qualquer ocorrência é o resultado do plano de Deus, que é o criador, preservador, e governador de todas as coisas, sem exceção, e que é a causa última de tudo.

também que após 40 anos do início da primeira onda com a segunda onda o uso de comunicação em massa como o rádio, cultos ao ar livre, sendo: em praças, estádios e apresentações em cinemas que foram determinantes para o seu crescimento.

Diante desse horizonte que se descortina a tipologia empregada por Freston[26] da terceira onda é o mesmo que foi empregada por Mendonça no ano de 1992 com o termo: "neopentecostalismo". O termo atualmente é consagrado por grandes pesquisados como Mendonça (1992), Oro (1992, 1996) Azevedo Junior (1994), Mariano (1995) e de Campos (1996).

Outro grande contribuidor é o Paulo D. Siepierski[27] que cooperou para uma nova tipologia para o pentecostalismo brasileiro. O que interessa para ele é discorrer a despeito da terceira onda proposta por Freston[28], ou seja, os novos grupos, ele descarta o termo *Neopentecostalismo* e utiliza o termo *Pós-pentecostalismo*, que para ele significa dizer que é um afastamento do pentecostalismo tendo como "cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual. Os traços característicos incluem uma mistura deliberada de religiosidade popular"[29]. Para ele a grande precursora do *Pós-pentecostalismo* é a Igreja Universal do Reino de Deus e que em 1997 já "tinha um fluxo de caixa estimado em 1 bilhão de reais". Para ele a centralidade da teologia da prosperidade e a ênfase na guerra espiritual e o caráter definidor do distanciamento do pentecostalismo. Siepierski[30] concordou no que Thomas Fodor que naquele ano era reitor do seminário teológico pentecostal do nordeste disse que possui "alguns princípios pentecostais, mas acrescentaram ao seu credo várias práticas e doutrinas (...) e que não têm base bíblica".

---

[25] O *Arminianismo* é uma escola de pensamento soteriológico (doutrina da salvação), baseada sobre ideias do holandês Jacobus Arminius (1560 - 1609) [1] e seus seguidores históricos. O ponto crucial do arminianismo Remonstrantes reside na afirmação de que a dignidade humana requer a liberdade perfeita do arbítrio.

[26] FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: *da constituinte ao Impeachment.* 03/12/1993 303 f. Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

[27]SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997. p.49.

[28] FRESTON, Paul. Protestantes e Política no Brasil: *da constituinte ao Impeachment.* 03/12/1993 303 f. Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

[29] SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997. P.51

[30] SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos v.37 n.1, 1997. p.52.

Segue abaixo uma tabela que procura mostrar o modelo até então proposto por Brandão, Mendonça e o CEDI, acrescentando a contribuição de Paul Freston que trabalha a *teoria das ondas* e Paulo Siepierski com o *pós-pentecostalismo*.

Elaborado pelo autor - Fonte: Bitun (2007); Freston (1993) e Siepierski (1997).

Tabela 4 - Breve tabela das tipologias discorrida neste trabalho

<table>
<tr><th>Período</th><th>Igrejas</th><th>Brandão (1980)</th><th>Mendonça (1989)</th><th>CEDI (1991)</th><th>Mendonça (1992) Mariano (19XX)</th><th>Freston (1993)</th><th>Siepierski (1997)</th></tr>
<tr><td>1910</td><td>Congregação Cristã</td><td rowspan="2">Igrejas de Mediação</td><td colspan="2" rowspan="2">Pentecostalismo Clássico</td><td rowspan="2">Pentecostalismo Clássico</td><td rowspan="2">1ª Onda</td><td rowspan="5"></td></tr>
<tr><td>1911</td><td>Assembleia de Deus</td></tr>
<tr><td>1951</td><td>Quadrangular</td><td rowspan="4">Pequenas Seitas</td><td rowspan="4">Cura Divina</td><td rowspan="4">Pentecostalismo Autônomo</td><td rowspan="4">Neopentecostalismo</td><td rowspan="4">2ª Onda</td></tr>
<tr><td>1955</td><td>Brasil para Cristo</td></tr>
<tr><td>1963</td><td>Deus é Amor</td></tr>
<tr><td>196X</td><td>Outras Menores</td></tr>
<tr><td>1970</td><td>Igreja Universal</td><td rowspan="3"></td><td rowspan="3"></td><td rowspan="3"></td><td rowspan="3"></td><td rowspan="3">3ª Onda</td><td rowspan="3">Pós-Pentecostalismo</td></tr>
<tr><td>1980</td><td>Internacional da Graça</td></tr>
<tr><td></td><td>Demais...</td><td colspan="4"></td></tr>
</table>

Breves Conclusões sobre o Futuro do Pentecostalismo -

As apreciações expostas nesta seção são vistas de maneira bastante provisória e despretensiosa apenas com o fim de calçar possíveis análises, arriscamos dizer o que já fora dito por alguns estudiosos do tema. Não é possível prever quais serão os próximos passos do campo religioso evangélico e, por conseguinte o pentecostalismo no Brasil. Assim, observou-se que o pentecostalismo vem crescendo em ritmo acelerado durante décadas como vimos neste artigo, e que existem estudos paralelos de entidades que apontam o decréscimo ou a estagnação do movimento, já outros estudos afirmam o crescimento dos evangélicos no Brasil como, por exemplo, o estudo realizado pela SEPAL[31] e que é alvo de analistas americanos que inclusive noticiou este estudo que circurlou por lá[32] e concluíram que

[31] Sepal – Servindo aos Pastores e Líderes, realizou uma pesquisa no ano de 2011, com base nos dados do IBGE e DataFolha. Disponível em: <http://sepal.org.br/blog-sepal/noticias/pesquisa-confirma-tendencia-de-crescimento-dos-evangelicos-no-brasil/> Acesso em 29 Maio 2017. Ainda sobre este tema em 2010, a revista Época divulgou dados de estudos sobre o crescimento evangélico. Os entrevistados incluíram teólogos e antropólogos, que concordaram unanimemente que os evangélicos estavam influenciando cada vez mais todas as esferas da vida brasileira.

[32] A pesquisa divulgada pela Sepal em um jornal: Christian Post Correspondent em 20 Fev 2011 também veiculou a pesquisa <http://www.christianpost.com/news/half-of-brazils-population-to-be-evangelical-christian-by-2020-49071/> Acesso em 29 de Maio 2017.

mais da metade da população do Brasil será evangélica em 2020 e como visto acima é inevitável a parcela dos pentecostais.

Há dezessete anos, em seu artigo o professor Leonildo Silveira Campos discorreu a despeito das "mutações do campo religioso" e afirmou que as grandes igrejas brasileiras e até norte-americanas não se tornariam "túmulos de Deus" e "nem tampouco museus frequentados por pessoas idosas ou saudosistas, embora alguns deles possam assim ser caracterizados"[33]. Passaram-se quase duas décadas e a diversidade religiosa no Brasil continua efervescente e prediz o que fora dito por Campos, que a dinâmica não ocorre dentro dos limites ou de fronteiras pelas instituições tradicionalmente encarregadas pelo *sagrado.*

As previsões no campo sociológico são sempre imprevisíveis e os sociólogos discorrem a despeito do pentecostalismo como um fenômeno ora de estagnação, de avanços ou retrocessos, ao que tudo indica o movimento agiganta e segue a nível desenfreado. É bem verdade que o pentecostalismo tem uma proposta diferente do protestantismo histórico, o movimento parece ascender uma religião de massa que foi e ainda é muito bem aproveitado pelo contexto sociopolítico e econômico do país e começa a reprocessar os traços da religiosidade popular brasileira. Igrejas pentecostais, seja ela qual a tipologia prefererir *"neo", "pós"* ou "*terceira onda"* são as grandes sensações do momento, que utilizam-se das mídias, como o rádio, televisão e as redes sociais para divulgarem e valem-se também da criatividade para sobrevivência.

O sociólogo Ricardo Bitun trabalhou em sua tese de doutorado pela Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo a teoria da "remasterização pentecostal", e discorre a despeito da Igreja Mundial do Poder de Deus da terceira onda[34] e que muito se assemelha com as igrejas da segunda onda como O Brasil Para Cristo e a Igreja Deus é Amor, onde muito se acentuou a prática e propagação da cura divina como essência. Em suma esta teoria discorre "o ressurgimento de certas práticas já quase esquecidas (...) e que voltam com característica diferente, mas que no fundo

[33] CAMPOS, Leonildo S. Teatro. As mutações do campo religioso: Os novos movimentos religiosos e seus desafios à religião instituída no Brasil, São Paulo, Revista Caminhando, Vol. 7, n.1. 2002. p.97

[34] Na tese do doutorado do professor Bitun ele emprega a tipologia das *ondas*, que como vimos foi proposta por Paul Freston.

constituem as ‘velhas’ práticas pentecostais.”[35]. Ele deixa claro que a cura divina não era nenhuma novidade para o ambiente pentecostal, mas que as igrejas supracitadas o fizeram como consumo. Dessa maneira, Bitun[36] afirma que a igreja Mundial do Poder de Deus é como um *mix* da segunda onda e terceira onda.

Outro que grande que corroborou para a sociologia da religião, embora sendo um historiador foi Maxwell Fajardo que discorreu que a Assembleia de Deus passa por um processo de *esgarçamento*, “figura que imediatamente nos remete à imagem de um tecido colocado sob pressão (...) mesmo diante das inúmeras fissuras que possam surgir (...) mantem um mínimo de integridade.”[37], ou seja, a Assembleia cresce na medida que propõe alguns padrões básicos, em que esses fios que ainda a seguram são as convenções, editora, jornal, publicações doutrinárias, mas já outros fios que se rompem são os usos e costumes, que podem ser para algumas indispensáveis ou dispensáveis.

As duas teorias acima, ainda que apresentadas brevemente exemplificam de forma clara, não somente as respectivas instituições trabalhadas, mas mostram de forma brilhante de como é o pentecostalismo brasileiro.

Ainda que realizemos um exercício intelectual podemos dizer que o pentecostalismo brasileiro continuará crescendo nos próximos anos, não vejo a estagnação do movimento e muito menos o decréscimo, adentramos em uma área de pluralidade, ser pentecostal é apenas um adjetivo que para o leigo[38] não importa muito, o campo pentecostal, em específico as novas instituições tem seu campo segmentado. Observa-se que a *remasterização* é ainda algo muito comum, ocorre que dos anos 2000 para cá, as igrejas pentecostais, e neste caso podemos considerar as novas igrejas procuraram segmentar o seu público, muita delas utilizam práticas do próprio pentecostalismo mas tiveram a capacidade da inovação, termo muito utilizado no segmento empresarial/tecnologia, podemos citar como exemplo a seguinte

---

[35] BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2007. p.136.

[36] Ibid. p.161.

[37] FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015. p.322.

[38] Tipologia empregada por Max Weber, cabe também o termo “Fiel”.

segmentação: igrejas que trabalham com a família, riqueza, cura-divina, *coaching*[39], *shows gospel* e até homossexualidade. Observa-se que o movimento pentecostal não encontra dificuldade para abrir possíveis concessões a possíveis *regalias*, com o receio de perder seus *membros*, sabe-se que o pentecostalismo trabalha muito bem uma nova maneira de servir, de baixa complexidade que exige tampouco com uma promessa do melhor deste mundo e do vindouro.

Vivemos em (um) *Pentecostalismo la carte*, e o freguês (fiel) opta por qual achar melhor. Partindo deste prisma *a la carte* não conseguimos observar o (um) decréscimo. O pentecostalismo atualmente tem para todos os gostos, como uma tentativa de realizar uma analogia, podemos utilizar o exemplo dos restaurantes que trabalham com rodizio de carne que muito são bem vistos pela maioria do brasileiro, casos onde o cliente não queira o habitual rodízio de carnes que é muito bem servido pela casa, ele também trabalha com diversas outras opções para melhor servir o cliente: comida por quilo, comida japonesa, vegano, ou seja, eles não querem ficar sem o cliente, querem agradar a qualquer modo, partindo deste ponto, você verá um pentecostalismo cada vez mais forte, permeando as esferas sociais e políticas e servindo a todos os gosto, com o sal ou sem sal.

Referências Bibliográficas

BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus*: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2007.

_____ *Mochileiros da Fé*. São Paulo, Editora: Reflexão 2. Edição, 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso e Apêndice* I. In: _____ A Economia as Trocas Simbólicas. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 27-98.

CAMPOS, Leonildo S. *Teatro, Templo e Mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.* Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 1997.

[39] Coaching é uma palavra em inglês que indica uma atividade de formação pessoal em que um instrutor (coach) ajuda o seu cliente (coachee) a evoluir em alguma área da sua vida. O conceito de coaching surgiu por volta de 1830 na universidade britânica de Oxford para definir um tutor particular, alguém que ajudava o aluno a se preparar para um exame de uma determinada matéria. Com o tempo passou a ser usada também para se referir a um instrutor ou treinador de cantores, atletas ou atores. A palavra coaching vem da palavra inglesa "coach" e significa treinador. Esse treinador tem o objetivo de encorajar e motivar o seu cliente a atingir um objetivo, ensinando novas técnicas que facilitem seu aprendizado.

_____ *Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil*: um século de conflitos, assimilação e mudanças, Belo Horizonte, v.9, n.22, p.504-533, 2011.

_____ *As mutações do campo religioso: Os novos movimentos religiosos e seus desafios*

à religião instituída no Brasil, São Paulo, Revista Caminhando, Vol. 7, n.1. 2002.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980).* 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015.

MARIANO, Ricardo. *Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade*, São Paulo, Revista Novos Estudos CEBRAP N.°44, março 1996.

_____ *Neopentecostais*: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo. Editora: Loyola. 5ª Edição, 2014.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro:* variações sobre dois temas "bourdieuanos" - (A propósito da morte de Pierre Bourdieu – 23 de janeiro de 2002). Revista Rever USP, 2002.

_____ *O celeste porvir*: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas 3ª Ed. 2009.

FRESTON, Paul. *Protestantes e Política no Brasil:* da constituinte ao Impeachment. 03/12/1993 303 f. Tese Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

PEREIRA, Joao Baptista Borges. (Org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo. Editora: Edusp 2012.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil, Revista Estudos Teológicos, v.37 n.1, 1997.